

DANIEL PIRES

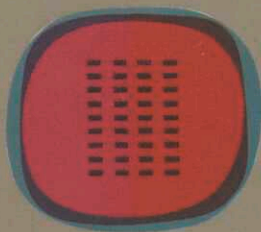
DICIONÁRIO  
DA  
IMPrensa PERIÓDICA  
LITERÁRIA  
PORTUGUESA  
DO

SÉCULO XX

(1941 - 1974)

Volume II, 1.º tomo

A-P



*Grifo*

Shi

L  
69259

COMPRA - 821  
309002

ADVERTÊNCIA

O volume II (1941-1974) do *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX* é composto por dois tomos.

No 1.º tomo inclui-se, para além do Prefácio, a descrição das publicações com títulos iniciados pelas letras A a P; no 2.º tomo inclui-se a descrição das publicações de Q a Z, bem como a Tábua Diacrónica das publicações descritas, o Índice Geográfico (de locais de publicação), a Bibliografia Geral, uma Bibliografia sobre a Censura em Portugal e o Índice Antroponímico (de autores e colaboradores citados).

A numeração das páginas do segundo tomo continua a do primeiro.

© Daniel Brito Rebelo de Sousa Pires

© Grifo – Editores e Livreiros, Lda.

Rua dos Cegos, 34 • 1100-137 Lisboa • Portugal

Telefone / telefax: (351) 21 886 0091

Fotografias de António Jorge Marques

No anterrosto: desenho de Júlio Gil

Impresso em Portugal

u15(H)704088

Shi

literária reduzida. Eis alguns textos dignos de registo: Alberto Pessoa, «A Botica de Eusébio Macário» (1); Arlindo Camilo Monteiro, «A Planta na História da Ciência e da Poesia – o Grande Lírico Português Bocage e suas Traduições em Verso Concernentes à Botânica e à Agricultura» (4); Augusta Faria Geração Ventura, «O 'Vespero' dos 'Lusíadas', III, 115, e a 'Amorosa Suelle' de VI, 85» (1), «Notas acerca de Alguns 'Simples e Drogas' do Auto dos Físicos de Gil Vicente» (2); Luís de Pina, «Tábuas Cronológicas da História das Ciências em Portugal no Século XVI» (1); Raul de Miranda, «A Influência dos Fenómenos Sísmicos no Espírito Poético Português» (7).

Apresentou colaboração de Afúsió Ricardo Nykl, Charles Boxer, David Lopes, Ernesto Soares, Fidelino de Figueiredo, Frazão de Vasconcelos, Gago Cortinlio, Henrique de Campos Ferreira Lima, Hernâni Cidade, João da Silva Correia, Jorge Larcher, José Leite de Vasconcelos, Luís Chaves, Luís da Câmara Cascudo, Luís de Pina, Luís Saavedra Machado e de Ricardo Jorge.

O *Boletim de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. 4, Jul/Set. 1963, n.º 3, pp. 528-552, insere um índice deste periódico.

Cotas: BN J 5223 B.; DGUC 10-3-21-1; S.A. 12172 V.; CMLHT Rev. 971 V.

## PINGÜEM (O)

Jornal de estudantes do Liceu Carmões, publicado em Lisboa na década de 40. Viçente a lume doiz ou três números copigrafados, nos quais Luiz Pacheco e José Carlos Feres consistiam as suas opiniões literárias. Este escritor publicou «As Aventuras do Mosquito Zig-Zag». É citado por Luiz Pacheco, na entrevista que concedeu ao *J.L.* n.º 703, de 7.10.1997, e no suplemento «Et. Etc.» do *Jornal do Fandão*, de 26.3.1967.

## PIRÂMIDE

*Cadernos de publicação não periódica organizada por Carlos Loures e por Máximo Lisboa: Viçente a lume de Fevereiro de 1959 a Dezembro de 1960, em Lisboa, totalizando três números.*

Eis o depoimento de Carlos Loures:

«A revista surgiu fundamentalmente devido à confluência de dois factores: por um lado, a existência de um grupo de artistas, poetas sobretudo, que se reunia diariamente no Café Gelo, no Rossio; por outro lado, a chegada, na Primavera de 1958, de dois jovens a esse grupo: o Máximo Lisboa e eu. Nesse ano, tínhamos publicado aquilo a que resolvêramos chamar um “poema-manifesto” – «O Menino que não Saltou a Cancela». Era uma coisa muito ingénua e incipiente, reflectindo exemplarmente a confusão

que nos ia nas cabeças: leituras ávidas, umas apressadas, de Marx, Sartre, Breton, uma certa determinação antifascista e pouco mais. Apesar de tudo, o opúsculo lá nos serviu de cartão de ingresso naquela tertúlia tão elitista como permissiva. No fundo bastava ser-se um pouco louco, e às vezes bastava fingi-lo, para se ser aceite.

«A figura dominante do grupo era, sem dúvida, o Mário Cesariny, que funcionava como elemento aglutinador de personalidades tão diferentes como Luiz Pacheco, Herberto Helder, Raul Leal, Manuel de Castro, António José Forte, Ernesto Sampaio, João Rodrigues e tantos outros. O deus tutelar era o António Maria Lisboa, que morrera louco anos antes (em 1953), deixando uma obra reduzida em extensão, mas plena de sugestões geniais e exemplares.

«Com a impaciência, o pragmatismo e o voluntarismo próprios de quem quer resolver a sua confusão interior pela ordenação do mundo exterior, nós, os recém-chegados ao grupo, entendemos que era importante que aquela reunião quotidiana de talentos se traduzisse em algo de concreto — uma revista. A ideia foi acolhida com alguma ironia pelos elementos mais para-sitários do grupo e com entusiasmos pelos mais valiosos, nomeadamente por Cesariny, que sugeriu o título e que organizou

verdadeiramente o primeiro número, o mais ortodoxo dos três que se publicaram.

«Dadas as vicissitudes de um grupo tão heterogéneo como aquele, onde a intriga representava um papel determinante, o segundo número, surgido em Junho de 1959 (quatro meses depois do primeiro), representava já uma contestação à “liderança” de Cesariny.

«O número 3, publicado em Dezembro de 1960, estava já quase totalmente esvaziado do inicial conteúdo surrealizante. É, no entanto, o mais autêntico, pois é o único em que ninguém nos “segurou a mão”. Aliás, foi já realizado fora do grupo do Gelo, com gente que parava uns metros adiante, no Café Restauração.»

CARLOS LOURES

«No 2.º número, foi publicada uma “Notícia”, que clarifica os vectores da revista.

«A quem indagou das nossas intenções, fazemos saber que, de uma possibilidade de se dizerem uma dúzia de coisas, com seriedade, desassombro e grandeza, nasceu a falta de provimento de lugares, claramente documentada na história moral e espiritual das cristuras.

«A partir de então, encontra-se a bandeira vermelha do luto. Lá dentro os benqueridos levam à prática esta dignidade do ser humano.